

**AS RELAÇÕES DE TEMPO NO CONTO “ALÉM DO BASTIDOR”,
DE MARINA COLASANTI**

RESUMO

RESUMO: Este artigo mostra a variação nos tempos verbais e suas implicações semânticas, tomando como material o conto “Além do bastidor”, de Marina Colasanti. Retoma-se, sucintamente, o tratamento do verbo na tradição gramatical, para se chegar às variáveis das relações de tempo. Em seguida, são dadas explicações da movimentação temporal mediante análises de sentenças, fazendo comparação entre os tempos passado, presente e futuro, sem esmiuçar todos os aspectos. Por fim, apresenta-se uma versão alterada do conto, do passado para o presente, no pressuposto de servir de estímulo a um trabalho escolar com esse conteúdo. O assunto aqui abordado é preliminar, estando a discussão aberta em momentos oportunos.

PALAVRAS-CHAVE: verbo; variação temporal; discurso; tempo linguístico.

INTRODUÇÃO

O tempo verbal é a categoria gramatical que se refere ao tempo. Toda língua é capaz de expressar inúmeras distinções de tempo. Há línguas que constroem algumas dessas distinções como parte de sua gramática; e uma língua que assim o faz tem a categoria gramatical de tempo, que é, pois, a gramaticalização do tempo. Na maioria das línguas, a categoria gramatical é indicada nos verbos, mas há exceções. Em algumas línguas, ela inexistente por completo, como é o caso da língua chinesa, por exemplo, onde não há nada que equivalha ao contraste “eu estou indo/eu estava indo” do português. Há línguas que dispõem da categoria distinguindo apenas dois tempos, outras três, ou quatro, ou cinco ou mais tempos.

Já na língua portuguesa, há formas verbais adequadas para distinguir três situações temporais, definidas a partir do momento de fala: passado: *brincava* com a bola; presente: *brinca* com a bola; futuro: *brincar* com a bola.

Nesta pesquisa de cunho bibliográfico, investigamos a estratégia de mudança temporal no conto *Além do bastidor*, de Marina Colasanti. Realizamos uma análise introdutória do tempo no conto citado, sem preocupação com a articulação dos tempos verbais, por exemplo. A versão modificada do conto vai simultânea ao texto original, procedimento, a nosso ver econômico e prático para os propósitos (imediatos) deste artigo.

DEFINIÇÃO DE VERBO

Entende-se por verbo o elemento que, dentro de uma frase, permite aquele que fala ou escreve situar eventos no tempo com relação ao momento em que seu discurso está sendo produzido. Para Cunha e Cintra (2007, p. 393) o “verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”.

Compartilhando desta definição, Neves (2000, p. 25) entende que “a construção de uma oração requer, portanto, antes de mais nada, um predicado, representado basicamente pela categoria verbo (...)”, que é a base da interação entre sintaxe e semântica, ou seja, pertence às esferas das relações e processos, assim como às esferas de sentido dos diferentes argumentos da oração.

Segundo Bechara (2003, p. 209), “Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”.

Para Rocha Lima (2007, p.122), “o verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres. É a parte mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais”. E são estes acidentes gramaticais que fazem com que o verbo mude de forma para exprimir idéias de modo, tempo, número, pessoa e voz.

Para Azeredo (2010, p.180) “o verbo é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa”. Assim, todas essas características têm como ponto de contato observar o verbo não somente como palavra variável, mas também como palavra que indica ação, processo e estado representados no tempo.

CONJUGAÇÃO VERBAL

Azeredo (2010, p.180) define conjugação verbal como a classe mórfica a que pertence o verbo, sendo três as conjugações do português: na maioria de suas formas, a primeira é caracterizada pelo tema em -a (*olhar, olhasse*), a segunda pelo tema em -e (*beber, bebesse*) e a terceira pelo tema em -i (*partir, partisse*). Os verbos cuja vogal de infinitivo é -o, pertencem à segunda conjugação, pois são oriundos da segunda conjugação latina (-*(e)re*). Como exemplo, tem-se o verbo por < *ponere* e seus derivados.

Para Bechara (2003, p. 225), conjugar um verbo “é dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes”. Ideia presente em Cintra e Cunha (Cf. 2007, p. 401), para quem “o agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se conjugação” (*Id., Ibid., p. 401*).

CLASSIFICAÇÃO VERBAL

Das classificações, a que nos chama mais a atenção é a de Azeredo (2010, p. 182-3), segundo a qual os verbos podem ser: regulares, irregulares fracos, fortes e anômalos, e defectivos.

É *regular* porque segue o modelo da primeira conjugação, *cantar*, da segunda, *bater* e da terceira, *partir*; são irregulares porque se desviam do modelo de conjugação (veja-se *dou*, deste ao lado de *canto, cantaste*) e podem ser: *irregulares fracos* porque podem mudar de radical ao variar a pessoa (*perder* apresenta-se *perco* e *perde*; *irregulares fortes*, no pretérito perfeito trazem um radical distinto do presente (*dizer*, traz as formas *dizes* e *disseste*); *irregulares anômalos*, que apresentam diversidade total de radicais entre tempos ou entre pessoas do mesmo tempo. São os verbos *ser* e *ir* (*sou, és, fui; vai, ides, foi*). Os defectivos assim se chamam por lhe faltarem algumas formas no modelo de conjugação; é o caso de *demolir* (*ele demole, demolem*), mas não “demulo”, por exemplo.

A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO DO VERBO NO TEXTO

O verbo funciona como um articulador entre os diferentes elementos que constituem uma frase. Assim, podemos entendê-lo como um núcleo que, uma vez combinado com esses outros elementos, assegura um sentido à frase. Se suprimido, os outros elementos são privados de um elo entre eles, tornando-se difícil compreender o propósito da mensagem a ser transmitida, a não ser que se trate de uma elipse verbal num contexto já identificado. Vamos tomar como exemplo o trecho a seguir, extraído do conto *Além do bastidor* de Marina Colasanti, do qual todos os verbos foram retirados: “___ com linha verde. Não ___ o que ___, mas ___ certeza do verde, verde brilhante” (p. 14).

Podemos ter uma idéia sobre o texto. Apreendemos seu sentido geral, pois as palavras que o constituem permitem essa interpretação. No entanto, nossa compreensão plena está comprometida pela ausência de um elemento que articule todas as palavras. Logo percebemos que o verbo funciona como elemento determinante neste contexto, para permitir ao leitor a compreensão precisa da mensagem transmitida em *Além do bastidor* e em qualquer outro texto oral ou escrito.

A NOÇÃO DE TEMPO NA LINGUAGEM

A preocupação com a definição de tempo vem desde Platão, Aristóteles, Heidegger, entre outros. Fiorin (2010, p. 127) menciona que “o homem sempre se preocupou com o tempo, pois pensá-lo significa ocupar-se da fugacidade e da efemeridade da vida e da inexorabilidade da morte”. Benedito Nunes (2002, p. 17) afirma que lidar com o tempo:

(...) significa que já contamos com sua presença antecipada na distribuição das tarefas cotidianas. E contar com essa presença antecipada, objeto de constante preocupação, também significa, perdoe-nos o trocadilho, que sempre o estamos contando ou medindo.

O tempo a que o autor se refere é o tempo cronológico que é linear. O autor divide o tempo em várias categorias, assim tem-se: tempo físico e tempo psicológico; tempo cronológico e tempo histórico; tempo linguístico e tempos verbais e o tempo na obra literária. Por sua vez, Corôa (2005, p. 24) ressalta que “a noção de tempo imposta no sistema verbal vem do latim. Essa relação de atribuir o tempo ao verbo tem como ponto de partida o fato de o verbo estar ligado aos atos de fala e ao processo comunicativo”, enfatizando que a categoria tempo encontra-se dividida por muitos linguistas em: cronológico, psicológico e gramatical:

(...) tempo é um só e cada um dos três ao mesmo tempo. (...) tempo cronológico – é caracterizado por um ponto em contínua deslocação em direção ao futuro, de duração constante, uniforme, irreversível. O segundo – psicológico – não tem duração constante e uniforme porque existe em função do mundo interno: pode parar, retroceder, acelerar-se etc. O terceiro – gramatical – é aquele caracterizado em português por um radical acrescido dos morfemas típicos. (COROA, op. cit., p. 24).

Santo Agostinho, (apud Fiorin, 2010, p.131) afirma que “Ninguém ousaria dizer que o passado e o futuro não existem, pois seu ser está ligado à linguagem, uma vez que as pessoas podem predizer o futuro (cecinerunt) e narrar (narrant) o passado”.

Relatando sobre o tempo, Fiorin (2010, p. 142) aponta que:

O tempo é uma categoria da linguagem, pois é intrínseco à narração, mas cada língua manifesta-o diferentemente. Os tempos verbais na linguagem não têm, simplesmente, a função de indicar o passado, presente e futuro, mas sim a de apresentar uma atitude, uma maneira de se ouvir ou ler um texto.

AS RELAÇÕES DE TEMPO NO CONTO “ALÉM DO BASTIDOR”

A vida é um incessante conjunto de acontecimentos, e estes se movimentam guiados por tempos cronológicos ou físicos, que são diferentes do tempo linguístico. O tempo

cronológico é o tempo que vem simbolizado no calendário; já o físico é o tempo dos astros. Por ele ficam estabelecidos os dias, os anos etc. E o tempo linguístico?

Concordando com Benveniste (1974, p. 73), afirma Fiorin (2003, p. 166): “o que o tempo linguístico tem de singular é que ele é ligado ao exercício da fala, pois ele tem seu centro no presente da instância da fala.” Assim, toda vez que o falante usa a fala, um “agora” invade o momento da enunciação, e tem no outro polo do tempo um “então” que lhe faz oposição. Toda essa dinâmica temporal está ligada ao fato de que:

As pessoas não vivem somente de suas relações com a circunstância imediata: o aqui e agora do discurso. Elas são dotadas de imaginação e de memória, faculdades que lhes permite afastar-se mentalmente do aqui e agora, da experiência imediata do mundo. Esse afastamento mental do aqui e agora desloca-as para outros lugares e momentos que passam a ser outros pontos de referência. (AZEREDO, 2010, p. 352).

No conto infantil “Além do bastidor”, de Marina Colasanti, vamos percorrer esse “afastamento mental” do narrador, tomando como ponto de apoio as três variáveis (Cf. AZEREDO, 2010, p. 353) que dão conta das relações de tempo: momento de enunciação (ME); ponto de referência temporal (PR): presente, passado e futuro e intervalos de tempo (IT): anterior, contemporâneo e futuro. Se o ME é a ocasião em que se dá o ato de fala ou escrita, o PR permite o deslocamento mental do enunciador; já no IT ficam situados os fatos expressos pelos verbos.

Como é comum nas narrativas, o verbo vem no passado, como se comprova no início do texto: “Começou com linha verde”, em que, a partir de um ponto de referência inerente ao ato de fala, o *aqui e agora*, o narrador se desloca mentalmente para o passado. E é neste passado que as ações expressas pelos verbos vão se desenvolver.

O EU BUSCANDO O PASSADO

Vamos entrar neste ponto de referência eleito pelo narrador para suas fantasias de fala/escrita. Esse ponto não coincidente com o seu momento de fala, como se tivesse presenciado algo no passado e que só agora resolve contar:

Começou com linha verde. Não sabia o que bordar, mas tinha certeza do verde, verde brilhante. Capim. Foi isso que apareceu depois dos primeiros pontos. Um capim alto, com as pontas dobradas como se olhasse para alguma coisa.

Nesse evento, o verbo, expresso no pretérito perfeito, situa o fato numa relação de anterioridade entre o intervalo de tempo e o ponto de referência presente. Como se sabe, o PR de referência presente é o agora, em relação ao qual o acontecimento, situado no IT, é anterior e concluído (*começou/apareceu*). Em algum momento, anterior ao momento em que eu (narrador) estou falando/escrevendo, o do *aqui e agora*, (ela) *começou* o bordado e o capim apareceu no bastidor. E o imperfeito que aparece logo depois da ação concluída “começou”

(*sabia/tinha*), representa um fato também não concluído; porém situa-o num intervalo de tempo simultâneo a um ponto de referência passado. É a dúvida constante (é um tempo “elástico”) de não saber o que bordar. E o verbo da comparação “como se olhasse” marca uma ação posterior ao passado, indicando uma possibilidade. Este verbo, na esfera do possível, é a forma elegante de o capim olhar para as flores, com a mesma afetividade, com a mesma singularidade que o afeto do olhar humano. É o sentimento da natureza a explodir na forma imperfeita do subjuntivo. Por esse intervalo de tempo, o fato apresenta-se não concluído e posterior ao ato de “aparecer”.

O EU BUSCANDO O PRESENTE

Mas também acontece de o falante/escritor não preferir ou não precisar deslocar-se procurando outro ponto de referência, não coincidente com o momento da fala ou escrita, elegendo o PR presente que vai coincidir com o IT simultâneo a ele. É o que aconteceria se o narrador se colocasse na perspectiva do presente buscando a contemporaneidade entre o evento narrado e o ME:

Começa com linha verde. Não *sabe* o que bordar, mas *tem* certeza do verde, verde brilhante. Capim. É isso/isto que *aparece* depois dos primeiros pontos. Um capim alto, com as pontas dobradas como quem *olha* para alguma coisa.

Nessa versão, o presente faz concretizar-se “o momento de enunciação, isto é, a ocasião em que se dá o ato de fala ou escrita” (AZEREDO, 2010, p. 353). Mas se “o presente é uma abstração do espírito, uma vez que ele se recompõe com instantes que acabaram de passar e com instantes que ainda vão passar. Por isso, a parcela de tempo do momento de referência que está relacionada ao momento da enunciação pode variar em extensão” (FIORIN, 2003, p. 168), faz sentido então dizer que este presente em “*Começa com linha verde*” e “*É isso/isto que aparece...*” é um presente com leve aspecto de futuro (*Vai começar* o bordado, *É* isso que vai aparecer...). Compare com essa versão possível: “Amanhã, menina, você começa o bordado com linha verde”. Um leve aspecto de passado também é provável, numa perspectiva de quem, “neste momento” narra um fato passado, como em “Cabral *aparece* aos índios...”.

O EU BUSCANDO O FUTURO

Por outro lado, esse mesmo fato, se na perspectiva de um falante que se desloca para um referente futuro, a expectativa é de um fato não concluído e situado num intervalo de tempo posterior ao momento presente:

Começará com linha verde. Não *saberá* o que bordar, mas *terá* certeza do verde, verde brilhante. Capim. É isso que *aparecerá* depois dos primeiros pontos. Um capim alto, com as pontas dobradas como quem *vai olhar* para alguma coisa.

Agora, neste momento, eu digo que a ação da menina (em breve?) *vai começar* e, num tom profético, digo que não *vai saber* o que bordar, mas tem (*terá*) certeza da cor verde brilhante. E assim que os primeiros pontos surgirem no bastidor, *vai aparecer* capim, numa investida categórica: é certo que nesse recorte de tempo “por vir”, a posterioridade é garantida.

Se a proposta central deste trabalho é mostrar as consequências que traz a mudança de tempo verbal num texto, certamente fala-se aqui de mudança de sentido no texto. Da mesma forma convém admitir que se se trata de um exercício gramatical excelente para a percepção dessa dinâmica temporal no texto, então é oportuno propor uma análise mais abrangente, com o mesmo texto, prevendo a utilização em sala de aula da mudança de tempo em narrativas, por exemplo, convocando o passado para o presente. Afinal, conforme nos afirma Fiorin (2010, p. 142): “Os tempos verbais na linguagem não têm, simplesmente, a função de indicar o passado, presente e futuro, *mas sim a de apresentar uma atitude, uma maneira de se ouvir ou ler um texto*”. (Grifo nosso)

ALÉM DO BASTIDOR

Começou **COMEÇA** com linha verde. Não sabia **SABE** o que bordar, mas tinha **TEM** certeza do verde, verde brilhante.

Capim. Foi **É** isso/**ISTO** que apareceu **APARECE** depois dos primeiros pontos. Um capim alto, com as pontas dobradas como **QUEM OLHA** para alguma coisa.

Olha para as flores, pensou **PENSA** ela, e escolheu **ESCOLHE** uma meada vermelha.

Assim, aos poucos, sem risco, um jardim foi aparecendo **VAI APARECENDO** no bastidor. Obedecia **OBEDECE** às suas mãos, obedecia **OBEDECE** ao seu próprio jeito, e surgia **SURGE DA MESMA FORMA** como [se] no orvalho da noite se fizesse **FAZ** a brotação.

Toda manhã a menina corria **CORRE** para o bastidor, olhava, **OLHA**, sorria, **SORRI** e acrescentava **ACRESCENTA** mais um pássaro, uma abelha, um grilo escondido atrás de uma haste.

O sol brilhava **BRILHA** no bordado da menina.

E era **É** tão lindo o jardim que ela começou **COMEÇA** a gostar dele mais do que de qualquer outra coisa.

Foi **É** no dia da árvore. A árvore estava **ESTÁ** pronta, parecia **PARECE** não faltar nada. Mas a menina sabia **SABE** que tinha **É CHEGADA** a hora de acrescentar os frutos. Bordou **BORDA** uma fruta roxa, brilhante, como ela mesma nunca tinha visto **TEM VISTO**. E outra, e outra, até a árvore ficar carregada, até a árvore ficar rica, e sua boca se encher do desejo daquela **DESSA/DESTA** fruta nunca provada.

A menina não soube **SABE** como (**ISSO**) aconteceu **ACONTECE**. Quando viu, **VÊ** já estava **ESTÁ** a cavalo do galho mais alto da árvore, catando as frutas e limpando o caldo que lhe escorria **ESCORRE** da boca.

Na certa tinha sido **É** pela linha, pensou **PENSA** na

hora de voltar para casa. Olhou, **OLHA**, a última fruta ainda não estava **ESTÁ** pronta, tocou **TOCA** no ponto que acabava **ACABA** em fio. E lá **AQUI** estava **ESTÁ** ela, de volta na sua casa.

Agora que já tinha aprendido **TEM APRENDIDO** o caminho, todo dia a menina descia **DESCE** para o bordado. Escolhia **ESCOLHE** primeiro aquilo **ISTO** que gostaria **GOSTARÁ** de ver, uma borboleta, um louva-deus. Bordava **BORDA** com cuidado, depois descia **DESCE** pela linha para as costas do inseto, e voava **VOA** com ele, e pousava **POUSA** nas flores, e ria **RI** e brincava **BRINCA** e deitava **DEITA** na grama. O bordado já estava **ESTÁ** quase pronto. Pouco pano se via **VÊ** entre os fios coloridos. Breve, estaria **ESTARÁ** terminado.

Faltava **FALTA** uma garça, pensou **PENSA** ela. E escolheu **ESCOLHE** uma meada branca matizada de rosa. Teceu **TECE** seus pontos com cuidado, sabendo, enquanto lançava **LANÇA** a agulha, como seriam **SÃO** macias as penas e doce o bico. Depois desceu **DESCE** ao encontro da nova amiga.

Foi **É** assim, de pé ao lado da garça, acariciando-lhe o pescoço, que a irmã mais velha a viu **VÊ** ao debruçar-se sobre o bastidor. Era **É** só o que não estava **ESTÁ** bordado. E o risco era **É** tão bonito, que a irmã pegou **PEGA** a agulha, a cesta de linhas, e começou **COMEÇA** a bordar.

Bordou **BORDA** os cabelos, e o vento não mexeu **MEXE** mais neles. Bordou **BORDA** a saia, e as pregas se fixaram **SÃO FIXADAS**. Bordou **BORDA** as mãos, para sempre paradas no pescoço da garça. Quis **QUER** bordar os pés mas estavam **ESTÃO** escondidos pela grama. Quis **QUER** bordar o rosto, mas estava **ESTÁ** escondido pela sombra. Então bordou **BORDA** a fita dos cabelos, arrematou **ARREMATO** o ponto, e com muito cuidado cortou **CORTA** a linha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É Sabido que a partir de um centro de fala, o *agora*, o falante/escritor governa tanto seu eu-aqui-agora quanto o deslocamento para o passado ou futuro. E as análises feitas demonstram a dinâmica e a sutileza desse vai e vem da memória, das lembranças que provocam as escolhas e que, conseqüentemente, alteram a base semântica do texto.

Nas escolas, o tempo verbal é trabalhado quase que na base da memorização mecânica, sem que o aluno sinta e viva a maleabilidade e a sutileza da mudança; sem que perceba aquilo que Azeredo (*Op. cit.*) tão bem de “afastamento mental do *aqui e agora*, da experiência imediata do mundo”, que na verdade – salvo a escolha de não abandonar o aqui-agora, momento de enunciação – não é mais do que uma representação da vontade do falante/escritor perscrutar outros espaços e tempos, onde vão se dar as ações eleitas para a finalidade.

Assim é que em “Capim. Foi isso que *apareceu*”, o tal afastamento para um tempo passado faz entender que o fato é concluído em relação ao *meu* momento de fala: sentido de “terminado” o ato de aparecer. O olhar do narrador se espicha a um ponto de referência “virtual”, que fica não se sabe onde e lá “vê” o que ocorreu.

Já em “Capim. É isso que *aparece*”, ainda que se trate de uma verdade criada, a intenção que o narrador quer transmitir é que o fato está debaixo dos seus olhos, vivenciado, girando em torno do agora, dispensando a necessidade de deslocamento.

Mas o que dizer se a frase fosse “Capim. É isso que *aparecerá*”, a opinião, será no mínimo categórica: o narrador antecipa o fato e sustenta como ele será. Não ocorrerá de outra forma: o capim vai aparecer necessariamente. Por outro lado, a expectativa mudaria, se a frase fosse “O que *aparecerá* a esta altura do bordado?”, em que o futuro sugere não certeza de algo concluído ou a concluir, mas dúvida.

A prática da variação do ponto de referência, como foi exemplificada com o conto “Além do bastidor”, é, sem dúvida, uma forma de reflexão da língua pelo manejo/remanejo dos tempos verbais, o que força a inserção do exercitante na tecedura do texto, na vida do texto, no jogo semântico do texto. Nossa sugestão é que, em sala de aula, seja exercitada a variação dos tempos, acompanhada da sua devida explicação das alterações semânticas. É uma estratégia relevante de “apurar” o jogo significativo das trocas. Afinal (vale repetir aqui o argumento de Azeredo, pela sensibilidade de reconhecer o falante/escritor como o centro das ações temporais):

As pessoas não vivem somente de suas relações com a circunstância imediata: o aqui e agora do discurso. Elas são dotadas de imaginação e de memória, faculdades que lhes permite afastar-se mentalmente do aqui e agora, da experiência imediata do mundo. Esse afastamento mental do aqui e agora desloca-as para outros lugares e momentos que passam a ser outros pontos de referência. (AZEREDO, op. cit., p. 352).

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- BENVENISTE, Emile. Problèmes de linguistique générale. Paris: Gallimard, v. II, 1974.
- COLASANTI, Marina. Uma ideia toda azul. 23. ed. ilust. São Paulo: Global, 2006.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica. São Paulo: Parábola, 2005.
- CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- FIORIN, José Luiz. “Pragmática”. In: ____ (org.). Introdução à linguística: II. Princípios de análise. 3ª ed. São Paulo: Contexto 2003, p. 161-185.

_____. As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de Usos do Português. São Paul: UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática Normativa da língua Portuguesa. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
